

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO

PROJETO DE LEI Nº 8.200, DE 2014

Altera o art. 24 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, de diretrizes e bases da educação nacional, para vedar a promoção automática no ensino fundamental e médio.

Autor: Deputado Alexandre Leite.

Relator: Deputada Professora Dorinha Seabra Rezende.

I - RELATÓRIO

Veio ao exame desta Comissão o Projeto de Lei nº 8.200, de 2014, de autoria do Deputado Alexandre Leite, que “Altera o art. 24 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, de diretrizes e bases da educação nacional, para vedar a promoção automática no ensino fundamental e médio”.

A proposição foi distribuída para apreciação conclusiva desta Comissão, nos termos do art. 24, II, do Regimento Interno, e, nos termos do art. 54 do mesmo diploma legal, à Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania.

A matéria foi arquivada, nos termos do art. 105 do Regimento, pela superveniência do fim da legislatura em 31 de janeiro de 2015, e, com fundamento no mesmo art. 105, desarquivada em virtude do despacho exarado no Requerimento nº 208, de 2015, do autor da proposição.

É neste iter que, em 17 de março do corrente, fui designada relatora da matéria.

É o relatório.

II - VOTO DO RELATOR

A proposição *sub examine* pretende por termo à famigerada “promoção automática” dos alunos e reconhece que a continuidade da trajetória escolar, embora desejável para todos, se feita sem os adequados níveis de proficiência, resulta em desempenho insuficiente ao final do ensino fundamental e no ensino médio. De fato, essa prática fulmina mesmo as bases em que se sustentam os processos de avaliação, que se esvaziam se não gerarem consequências e nem cobrarem resultados dos aprendizes.

Não é impedindo que a avaliação surta seus efeitos que vamos agregar valor à qualidade da educação, como se pudéssemos maquiagem o problema ao mesmo tempo em que adiamos suas consequências. Pelo contrário, é pelo reconhecimento realista das lacunas de aprendizagem que podemos atuar corretivamente, é que podemos realizar de fato o objetivo do ensino, que é a aprendizagem e o desenvolvimento. Não podemos dar as costas ao que dizem as avaliações, e deixar que os educandos sigam seu curso escolar apenas formalmente, quando as habilidades, atitudes e competências não foram formadas no seu interior.

Não é a toa que os dados da **Avaliação Brasileira do Ciclo de Alfabetização**, conhecida como **Prova ABC**, dão conta que 57% dos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental de 9 anos não dominam as habilidades básicas de somar e subtrair. No ensino médio, 85% chegam ao primeiro ano com nível de conhecimentos equivalente ao 5º ano do Ensino Fundamental. É preciso coragem, primeiro para reconhecer a realidade denunciada por esses dados, e depois para tomar uma rota de urgência para corrigir os problemas estruturais da educação brasileira. O primeiro passo é realmente dado pela matéria que estamos examinando, justamente pondo um fim ao que se convencionou chamar de “promoção automática”, e que seria mais propriamente denominado de um “empurrão sintomático”, cujos sintomas são os baixos desempenhos dos nossos alunos nas avaliações internas e externas a que são submetidos.

Como alerta Ludke¹, “não se pode simplesmente suprimir as séries e suspender a avaliação dos alunos nas passagens entre elas, como às vezes tem sido interpretada a aprovação automática, passando o aluno das mãos de um professor para as de outro, sem assumir a responsabilidade de verificar como ele se encontra em relação aos domínios esperados para aquele período”.

A avaliação é, ao mesmo tempo, tanto uma estratégia para acompanhar o desenvolvimento progressivo do educando, como um mecanismo que fornece ao professor uma oportunidade de reflexão sobre sua prática pedagógica. A educação passa a ser, então, um processo de formação permanente tanto de alunos, quanto de professores, e deve ocorrer ao longo de todo o processo de aprendizagem. Como define Perrenoud, “avaliar é, cedo ou tarde, criar hierarquias de excelências, em função das quais se decidirão a progressão no curso seguido, a seleção, a orientação para diversos tipos de estudos, a certificação antes da entrada no mercado e de trabalho e, frequentemente, a contratação. Avaliar é, também, privilegiar um modo de estar em aula e no mundo, valorizar formas e normas de excelência”². A Estratégia 7.7 do Plano Nacional de Educação é aprimorar continuamente os instrumentos de avaliação da qualidade do ensino fundamental e médio.

A própria LDB prevê a possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado ou aproveitamento de estudos concluídos com êxito, mas a noção tacanha de avanço sem aprendizado não se coaduna nem com a Lei, nem com os princípios que regem o ensino e a aprendizagem. Por sua vez, a Meta 7 do Plano Nacional de Educação é justamente fomentar a qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades, com melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem.

A progressão automática esvazia, até mesmo, a importância dos estudos de recuperação, previstos para os casos de baixo rendimento escolar e que devem ser ministrados preferencialmente paralelos ao período letivo. Quando se passa um aluno automaticamente para uma série qualquer sem o correspondente aprendizado esperado para aquele nível, está-se na verdade, desistindo de ensinar e condenando um aluno a séries

¹ LUDKE, Menga. **O professor e a pesquisa**. Editora Papyrus, 2001, p.50.

² PERRENOUD, Philippe. **Avaliação – Da Excelência à Regulação das Aprendizagens**. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 9.

dificuldades na série seguinte, uma vez que desprovido das bases necessárias para compreensão de conteúdos novos.

Não devemos confundir, entretanto, o que se tenta coibir com este Projeto com aquilo que é conhecida como Progressão Continuada, a meu ver, expressão que se configura num pleonasma, pois progressão que para não é progressão, sendo que toda progressão precisa mesmo de continuidade. Mas esse instituto, a progressão continuada, nada tem a ver com a progressão automática que sempre combati. Nesse caso, há um alargamento do conceito de período escolar, baseando-se em ciclos, em vez de anos, sendo possível, por exemplo, um ciclo letivo que ultrapasse os duzentos dias letivos previstos na legislação de regência da educação. Abre-se espaço para se falar em ciclo de aprendizagem dos alunos, que significa o reconhecimento de que o ser humano apresenta ciclos de desenvolvimento biopsíquico e social, desde o seu nascimento, e também que cada criança tem uma biografia diferenciada e única. Essa concepção é uma conquista da ciência, notadamente a partir do século XX. Uma educação verdadeira precisa, pois, levar em conta o desenvolvimento biológico, psíquico e social de cada educando e se adequar a este desenvolvimento e não o contrário, principalmente no ensino fundamental.

Exemplo bem-sucedido da implantação de ciclos na educação foi aquele implantado na cidade de São Paulo pelo educador Paulo Freire, quando era Secretário de Educação, entre 1989 e 1991, quando dividiu o ensino fundamental em ciclos de três anos e os exames para auferir a progressão ou não eram feitos apenas de um ciclo para o outro. Na Finlândia, por exemplo, onde a educação é prioridade nacional, o ciclo básico é ainda maior, de nove anos, e só então o aprendiz é avaliado sobre as competências necessárias para a progressão ou retenção.

No outro extremo da progressão automática está a cultura da repetência, também prejudicial, e que avalia que uma educação de qualidade é aquela que reprova, como se a escola também não tivesse participação no fracasso de aprendizagem de um aluno. Como avaliava a então Presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, Maria Helena Guimarães de Castro, “a cultura da repetência continua muito enraizada na escola e na sociedade brasileira. Há uma crença disseminada que a repetência é benéfica e irá favorecer o aprendizado dos alunos. Mas isso é um equívoco. As reprovações sistemáticas são um desastre para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos”.

Ressalte-se que a Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem características próprias e não possui objetivo de promoção, mas, sim, o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. De modo que proponho a Emenda Aditiva anexa, justamente para ressaltar essa etapa crucial no desenvolvimento dos educandos, para deixar mais clara a redação do inciso.

Em face do exposto, somos pela **APROVAÇÃO** da presente matéria, e da Emenda Aditiva que apresento, na forma anexa, em prol da valorização da aprendizagem na Educação Básica, que se coloca acima de aspectos meramente formais, como o transcurso ininterrupto de anos que se somam sem que haja desenvolvimento do educando.

Sala da Comissão, em de maio de 2015.

Deputada PROFESSORA DORINHA SEABRA REZENDE
Relatora

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO

PROJETO DE LEI Nº 8.200, DE 2014

Altera o art. 24 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, de diretrizes e bases da educação nacional, para vedar a promoção automática no ensino fundamental e médio.

EMENDA Nº 01 - CE

O art. 1º do projeto passa constar com seguinte redação:

"Art. 1º O art. 24 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

Art. 24.....

.....

II -

a) por promoção, para alunos que cursaram, com aproveitamento, a série ou fase anterior, na própria escola, vedada, em qualquer hipótese, a promoção automática, ressalvadas as peculiaridades da educação infantil e a autonomia dos sistemas de ensino para organização de ciclos;" (NR)

Sala da Comissão, em de maio de 2015.

**Deputada PROFESSORA DORINHA SEABRA REZENDE
DEM-TO**